

ESTRUTURAS RELATIVAS, COMPLETIVAS, INTERROGATIVAS E NEGATIVAS: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE UNIFICADA DO DOMÍNIO DE CP NA LÍNGUA FALADA PELOS ORO WARAM E ORO WARAM XIJEIN (FAMÍLIA TXAPAKURA)
RELATIVE, COMPLETIVE, INTERROGATIVE AND NEGATIVE CLAUSES: A PROPOSAL FOR A UNIFIED ANALYSIS OF THE CP DOMAIN IN THE LANGUAGE OF THE ORO WARAM AND ORO WARAM XIJEIN PEOPLES (TXAPAKURA FAMILY)

Ana Regina Vaz Calindro¹

Quesler Fagundes Camargos²

Selmo Azevedo Apontes³

RESUMO

Este artigo tem por objetivo investigar, à luz de pressupostos teóricos gerativos, as estruturas relativas, completivas, interrogativas e negativas na língua falada pelos Oro Waram e Oro Waram Xijein (família Txapakura). Em termos teóricos, propomos um paralelismo que se evidencia por meio da instanciamento do núcleo de CP por meio das partículas complementizadoras *ko* e *ka*. Ademais, tais construções nos fornecem um ambiente sintático suficiente para demonstrar que a escolha de cada um dos paradigmas de concordância depende essencialmente da posição sintática de cada um dos seus argumentos. Há um paradigma para sujeitos movidos e outro para sujeitos *in situ*, ao passo que a concordância com o objeto se realiza apenas em contexto de não movimento.

PALAVRAS-CHAVE: Txapakura. Teoria gerativa. Relativas e completivas. Interrogativas. Negativas.

ABSTRACT

This paper investigates relative, completive, interrogative and negative clauses in the language spoken by the Oro Waram and Oro Waram Xijein peoples (Txapakura family) in light of the generative theory. In theoretical terms, we propose there is a parallelism among these structures as the CP head is instantiated by the complementizers *ka* and *ko*. Furthermore, these constructions provide syntactic evidence that agreement on this language mainly depends on the syntactic position of each core argument. On the one hand, there is a specific agreement paradigm for moved subjects and another for *in situ* ones, on the other hand object agreement is realized only when there is no movement.

¹ Professora do Departamento de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio Janeiro (UFRJ). Membro do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ (POSLING). Líder do laboratório de pesquisa *SynTech Linguistics Lab* (Sintaxe, História, Educação e Tecnologia). Coordenadora do projeto “Estrutura argumental, variação e mudança na história do português brasileiro e português europeu” e uma das coordenadoras do projeto “Interfaces no Ensino de Português L1 e L2, anacalindro@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0003-2171-5307>.

² Professor do Departamento de Educação Intercultural (DEINTER) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGML) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Membro do Laboratório de Línguas e Culturas Indígenas (LALIC/UNIR) e do Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia (GPEA/UNIR). Coordenador do projeto de pesquisa “Documentação, descrição e análise das línguas da família linguística Txapakura”, financiado pela Fundação Rondônia de Amparo ao Desenvolvimento das Ações Científicas e Tecnológicas e à Pesquisa do Estado de Rondônia (FAPERRO), por meio do Programa de Apoio à Pesquisa – PAP – Chamada Universal nº 003/2015, e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio da Chamada MCTIC/CNPq nº 28/2018 (Processo 430275/2018-8), queslerc@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-9112-4858>.

³ Professor do Centro de Educação, Letras e Artes (CELA) e do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Acre (UFAC). Coordenador do Grupo de Pesquisa em Descrição e Análise Linguística (GEDAL). Pós-doutorando em Linguística, IEL/UNICAMP, selmoapontes@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-8985-0762>.

KEYWORDS: Txapakura. Generative theory. Relatives and complementives. Interrogatives. Negatives.

Introdução

Este trabalho⁴ tem por objetivo descrever e propor uma análise teórica unificada, à luz de pressupostos teóricos gerativos (cf. CHOMSKY, 1957 et seq.), para as estruturas relativas (2), completivas (3), interrogativas (4) e negativas (5) na língua falada pelos Oro Waram e Oro Waram Xijein, a qual pertence à família linguística Txapakura. Ademais, pretende-se investigar o estatuto gramatical da partícula complementizadora que encabeça essas estruturas na língua. Como será demonstrado, essas sentenças apresentam propriedades gramaticais análogas, tais como: (i) realizam fonologicamente o núcleo de CP por meio das partículas complementizadoras *ka* e *ko* e (ii) exibem o mesmo comportamento gramatical na codificação de seus argumentos nucleares. Conforme exemplos⁵ abaixo, assumimos que essas partículas complementizadoras, ao instanciarem C^o, engatilham mudanças significativas no sistema de concordância da língua.

- (1) hrik **ʔnaŋ** koko
 ʔna-ŋ
 ver 1SG-3N cesto.N
 “Eu vi o cesto.”
- (2) hrik naŋ koko *ka* ara? **ta?**
 na-ŋ
 ver 3SG-3N cesto.N C fazer 1SG
 “Ele viu o cesto que eu fiz.”
- (3) hrik naŋ *ka* totapa? **taŋ** kawira?
 na-ŋ **ta?ŋ**
 ver 3SG-3N C quebrar 1SG-3N cuia.N
 “Ele viu que eu quebrei a cuia.”
- (4) ma? krawa? *ka* kaw **ta?**
 INT coisa C comer 1SG
 “O que eu comi?”

⁴ Agradecemos aos revisores anônimos da Revista Linguística pelos comentários e críticas construtivas, que contribuíram para o aperfeiçoamento deste artigo. Registramos nossos mais sinceros agradecimentos a todos os povos do grupo Wari’ por sua fundamental parceria e inestimável contribuição com esta pesquisa. Gostaríamos de agradecer especialmente à Marcelina Oro Waram Xijein, Mai Oro Waram Xijein, Nimon Oroeu e Ronaldo Harem Catmoa Ororam Xijein. Os eventuais erros são de nossa inteira responsabilidade.

⁵ Glosas utilizadas: 1: primeira pessoa; 2: segunda pessoa; 3: terceira pessoa; C: complementizador; CONF: aspecto confirmativo; DEM: demonstrativo; EXCL: exclusivo; F: feminino; GEN: genitivo; INCL: inclusivo; INTS: aspecto intensivo; INT: pronome interrogativo; M: masculino; N: neutro; NEG: negação; OBL: oblíquo; PERF: aspecto perfectivo; PL: plural; PREC: aspecto precipitativo; PROIB: proibitivo; RES: resultativo; RETR: aspecto nominal retrospectivo; SG: singular.

1. Aspectos tipológicos das línguas da família Txapakura

Nesta seção, apresentamos alguns aspectos gramaticais que são essenciais para a compreensão da análise que será proposta neste artigo. Pelo fato de analisarmos as construções negativas e interrogativas de forma análoga às estruturas relativas e completivas em Oro Waram e Oro Waram Xijein, é imprescindível que se compreendam as propriedades gramaticais que definem predicados nominais e predicados verbais nessa língua.

Deve-se considerar que a investigação aqui desenvolvida teve como ponto de partida os trabalhos de descrição das línguas da família linguística Txapakura, como podem ser vistos em Meireles (1996), Everett e Kern (1997), Angenot-de-Lima (2001), Ramirez (2010), Apontes (2014, 2015), Apontes e Camargos (2016), Camargos e Apontes (2018), entre outros. Do ponto de vista teórico, além de considerar alguns trabalhos tipológicos, como Comrie (1989), Shopen (1992), Whaley (1997), Givón (2001), Payne (2001) e Creissels (2006), a pesquisa aqui desenvolvida fundamentou-se em pressupostos teóricos gerativos (cf. CHOMSKY, 1957 et seq.) e essencialmente em Kayne (1994) e Bianchi (1999, 2000) para as estruturas relativas.

1.1. Família linguística Txapakura

A família linguística Txapakura é pequena e ainda não está agrupada em nenhum tronco linguístico. Os estudos sobre essa família linguística foram sistematizados principalmente por pesquisadores da Universidade Federal de Rondônia, no *Campus* de Guajará-Mirim. A partir principalmente da coleta de dados sobre os registros históricos de missionários, viajantes e pesquisadores, Angenot-de-Lima (2001) apresenta 27 etnônimos para a família Chapakura⁶, embora 11 deles sejam apenas notas etnográficas: Jamari, Tapoaya, Kutiana, Matáwa, Urunamakam, Kujuna, Muré, Itoreahip, Rokorona, Herisobokono e Kusikia-Manasi. Os outros 16 possuem registro vocabular: Torá, Urupá, Jarú, Oro Win, Kuyubi (kaw tayo), Kumana, Uomo, Pawumwa, Abitana, Kabishi, Miguelenho, Moré, Chapakura (Tapakura), Kitemoka, Napeka e Oro Wari. Entre os provavelmente extintos, por fim, estão quase todos da lista, com as seguintes ressalvas: Kuyubi (?), Oro Win, Moré, Wari' (com oito etnias).

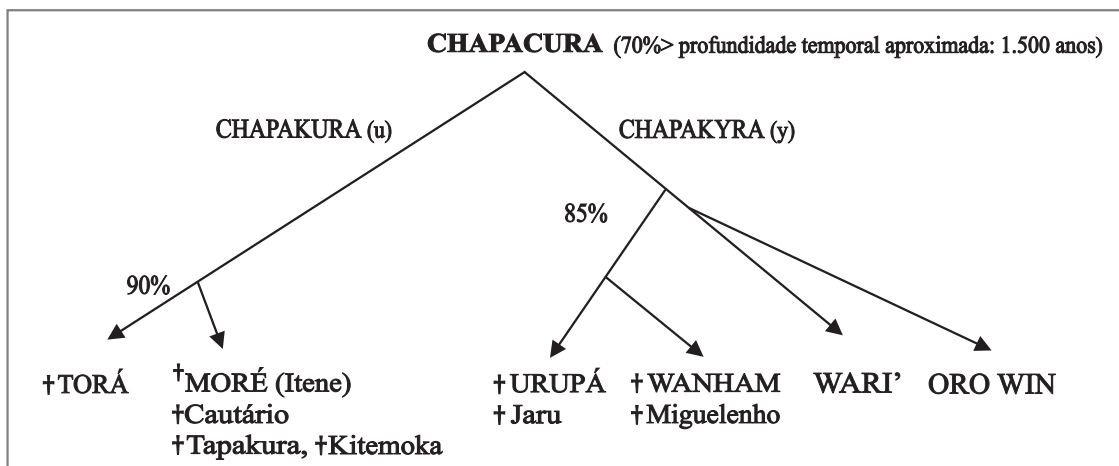
Ramirez (2010, p. 187) estabelece, por meio do método léxico-estatístico, uma proposta para o agrupamento das línguas⁷ Chapakura, considerando que vários dos registros étnicos são, para o autor, etnônimos sinônimos, tais como Torá, Moré e Itene, que seriam co-dialetos. Os Abitana, Pawumwa, Miguelenho, Uomo e Kabishi, para o autor, são Wanyam. Os Cautário, Cujubim, Rokorono, Matawá, Kumaná, Itene e Herisobocono são Moré. Assim, a lista diminuiu consideravelmente e o autor esboçou a seguinte classificação:

⁶ Tanto Angenot-de-Lima (2001) quanto Ramirez (2010) optam por utilizar o nome da família linguística como Chapakura. Nossa opção é utilizar como Txapakura. Assim, haverá duas formas de grafar presentes no texto para respeitar a fonte de onde retiramos os dados.

⁷ Tomamos essa classificação de Ramirez, mas há outras classificações das línguas que integram essa família linguística conforme se pode observar no resumo feito por Meireles (1996).

Estruturas relativas, completivas, interrogativas e negativas: uma proposta de análise unificada do domínio de CP na língua falada pelos Oro Waram e Oro Waram Xijein (família Txapakura)

Figura 1: Classificação da família linguística Txapakura



Fonte: Ramirez (2010, p. 187)

Como dissemos, o Oro Waram e o Oro Waram Xijein são variantes linguísticas que pertencem ao grupo conhecido na literatura como Wari' ou Pakaa Nova. Apresentamos no quadro 1 os oito subgrupos Wari':

Quadro 1: Grupo Wari'

Norte	Sul
Oro Mon	Oro Nao'
Oro Waram	Oro Eo
Oro Waram Xijein	Oro At
Cao Oro Waje	Oro Jowin

Fonte: Apontes (2015, p. 7)

Na próxima subseção, serão discutidas as propriedades gramaticais dos predicados verbais.

1.2. A estrutura do sintagma verbal

Em relação à tipologia da língua, ela não possui uma característica rígida em um padrão morfológico, mas situa-se em um *continuum* entre um estágio semi-isolante ou entre aglutinante-isolante, por isso é caracterizada como analítica. Nos predicados verbais, possui características tipicamente isolantes e nos sintagmas nominais exibe características variando entre formas isolantes e aglutinantes.

Por ser majoritariamente isolante/analítica, as informações gramaticais do domínio verbal são expressas por meio de formas livres. Dessa maneira, o complexo verbal, entre colchetes no exemplo (6), o qual em muitas línguas flexionais corresponderia a uma única palavra, é organizado por meio de uma sequência rígida de palavras lexicais e gramaticais, e não com afixos ou formas presas.

(6) [ora? pan ?an pe pin **naŋ**] kom **arawet**
na-n

PREC cair perder estar.SG PERF 3SG-3N água.N menino.M

“O menino já derramou (pingando) a água.” (APONTES, 2015, p. 158)

Pode-se notar que cada uma das palavras na sentença em (6) é invariável e que, a princípio, não exibe nenhum tipo de flexão ou morfologia, o que mostra que essa língua se aproxima muito do que a tipologia linguística classifica como língua isolante/analítica. Contudo, é possível afirmar que essa língua não é inteiramente isolante. Note que o marcador de concordância em (6), *naŋ*, é uma forma composta pelo morfema livre {*na*}, que codifica os traços de terceira pessoa singular do sujeito, e o morfema preso {-*n*}, que carrega os traços de terceira pessoa de gênero neutro do objeto. Assim, pode-se afirmar que os marcadores de concordância podem ser realizados como formas morfológicas aglutinantes, uma vez que, em construções transitivas, estão fundidos os traços gramaticais de pessoa e número do sujeito, por um lado, e de pessoa, número e gênero do objeto, por outro.

De acordo com Camargos e Apontes (2018, p. 20), no que diz respeito às suas propriedades sintáticas:

(...) deve-se destacar ainda que [...] a ordem das palavras em Oro Wari’ é significativamente rígida, não se permitindo nenhum tipo de alteração na ordem das palavras, exceto os argumentos na função sintática de sujeito e objeto, que podem, em alguns contextos, ser intercambiáveis.

Devido a isso, excluindo-se os argumentos nucleares, a língua exibe uma estrutura sintática rígida, definida em (7) por Camargos e Apontes (2018, p. 20):

(7) Interrogativo # Negação # Modalidade # Aspecto # Causativo # Verbo Lexical # Aplicativo
 # Modalidade # Aspecto # Tempo # Marcador de concordância #
 (leia-se # como fronteira de palavra)

Embora possa emergir um conjunto significativo de partículas no domínio verbal, como está indicado em (7) e exemplificado em (6), apenas o verbo lexical e os marcadores de concordância verbal, que se referem ao sujeito e ao objeto de verbos transitivos, por exemplo, são obrigatórios, conforme dados em (8).

(8) a. hrik **non**
na-on
 ver 3SG-3SG.M
 “Ele(a) o viu.”

b. hrik **nam**
na-am
 ver 3SG-3SG.F
 “Ele(a) a viu.”

Estruturas relativas, completivas, interrogativas e negativas: uma proposta de análise unificada do domínio de CP na língua falada pelos Oro Waram e Oro Waram Xijein (família Txapakura)

Nesta língua, como se pode notar, por exemplo, em (8), os marcadores de concordância verbal correferenciam o sujeito e o objeto de predicados transitivos. Em termos morfológicos, devem seguir o padrão AgrS-AgrO, de tal forma que se realiza à esquerda o marcador que codifica os traços de pessoa e número do sujeito e à direita o morfema que realiza os traços de pessoa, número e gênero do objeto. Embora a ordem dos marcadores de concordância verbal seja SO, curiosamente a ordem básica dos constituintes oracionais é VOS, como pode ser visto no exemplo (9). Dessa forma, pode-se afirmar que a posição rígida dos marcadores de concordância (i.e. SO) é a imagem espelhada da ordem linear dos argumentos nucleares em estruturas não marcadas (VOS).

(9) hrik pin non trama? **narima?**
 na-on
 ver PERF 3SG-3SG.M homem.M mulher.F
 “A mulher já viu o homem.”

Pode-se afirmar que, para o exemplo (9), as funções sintáticas de sujeito e de objeto são identificadas por pelo menos dois fatores gramaticais: (i) a ordem básica dos predicados verbais, que é VOS, e (ii) a marcação do traço de gênero do objeto. Nesse exemplo especificamente, apenas *trama?* “homem” está apto a exercer a função sintática de objeto, uma vez que é engatilhado no predicado verbal o morfema de concordância de objeto {-on}, que codifica o traço de gênero masculino. Sentenças como (9) podem ainda apresentar uma mudança na ordem de palavras, derivando VSO, conforme o exemplo (10). Note que esta mudança não altera as funções sintáticas de sujeito e de objeto dos sintagmas nominais.

(10) hrik pin non **narima?** trama?
 na-on
 ver PERF 3SG-3SG.M mulher.F homem.M
 “A mulher já viu o homem.”

A ordem de palavras não é um fator linguístico determinante para identificar as funções de sujeito e de objeto em (10). Se assim o fosse, esperaríamos que *trama?* “homem” fosse sujeito e *narima?* “mulher”, objeto. O sistema de concordância, por isso, é aqui essencial para identificar *trama?* “homem” como objeto, uma vez que o predicado verbal engatilha o morfema {-on}, que codifica seu traço de gênero masculino. Ao comparar (9) e (10), pode-se assumir que o sistema de concordância verbal desempenha um importante papel na identificação dos argumentos nas funções sintáticas de sujeito e de objeto.

Contudo, a ordem básica de palavras não é trivial na língua, uma vez que nos contextos em que os argumentos nucleares carregam os mesmos traços de gênero, como em (11) e (12), a ordem básica de palavras (VOS) é essencial para identificar essas funções sintáticas.

Estruturas relativas, completivas, interrogativas e negativas: uma proposta de análise unificada do domínio de CP na língua falada pelos Oro Waram e Oro Waram Xijein (família Txapakura)

básica de palavras e de seu rico sistema de concordância verbal, o qual apresenta, para as construções declarativas afirmativas, os paradigmas de concordância do quadro 2.

Quadro 2: Concordância verbal em estruturas declarativas afirmativas

Pronomes	Sujeito	Objeto
1SG	ʔna	paʔ
2SG	maʔ	-em ~ pym
3SG.M	na	-on ~ kon
3SG.F		-am ~ kam
3N		-ɲ ~ paɲ
1PL.INCL	riʔ	priʔ
1PL.EXCL	ryt	pryt
2PL	heʔ	-hyʔ ~ pahyʔ
3PL.M	nana	-on ~ kokon
3PL.F		-am ~ kakam

Fonte: elaboração dos autores

Para fins ilustrativos, apresentamos a seguir exemplos de verbos intransitivos e transitivos, com o intuito de demonstrar o uso dos dois paradigmas do quadro 2. Começamos com um predicado intransitivo, em que o marcador de concordância codifica os traços de pessoa e número de seu sujeito:

- (15) a. mo **ʔna**
correr 1SG
“Eu corri.”
- b. mo **maʔ**
correr 2SG
“Você correu.”
- c. mo **na** tramaʔ
correr 3SG homem.M
“O homem correu.”
- d. mo **na** narimaʔ
correr 3SG mulher.F
“A mulher correu.”
- e. kamra **riʔ**
cair 1PL.INCL
“Nós caímos.”
- f. kamra **ryt**
cair 1PL.EXCL
“Nós caímos.”
- g. kamra **heʔ**
cair 2PL
“Vocês caíram.”
- h. kamra **nana**
cair 3PL
“Eles (as) caíram.”

Pode-se afirmar, a partir dos exemplos acima, que o predicado verbal intransitivo utiliza o paradigma de concordância com seu sujeito apresentado no quadro 2, cujos marcadores variam tendo em vista os traços gramaticais de pessoa e número. A terceira pessoa de gênero masculino e feminino, em especial, utiliza a estratégia morfológica de reduplicação para codificar um argumento com o traço de plural. Ao referir-se a terceira pessoa de gênero neutro, no entanto, não há reduplicação, uma vez que nomes dessa classe gramatical na língua não codificam o traço de número.

Por sua vez, apresentamos abaixo os paradigmas de concordância em contexto de verbo transitivo, destacando os marcadores referentes ao sujeito em (16) e os morfemas de concordância do objeto sintático em (17).

- (16) a. hrik **ʔnon** trama?
ʔna-on
 ver 1SG-3SG.M homem.M
 “Eu vi o homem.”
- b. hrik **mon** trama?
maʔ-on
 ver 2SG-3SG.M homem.M
 “Você viu o homem.”
- c. hrik **non** trama? ate? (/narima?) (/me?)
na-on ate-e?
 ver 3SG-3SG.M homem.M pai.M-1SG.GEN mulher.F pássaro.N
 “O meu pai (/a mulher) (/o pássaro) viu o homem.”
- d. hrik **ryn** trama?
riʔ-on
 ver 1PL.INCL-3SG.M homem.M
 “Nós vimos o homem.”
- e. hrik **ryt** kon trama?
 ver 1PL.EXCL 3SG.M homem.M
 “Nós vimos o homem.”
- f. hrik **hyn** trama?
heʔ-on
 ver 2PL-3SG.M homem.M
 “Vocês viram o homem.”
- (17) a. hrik na paʔ narima?
 ver 3SG 1SG mulher.F
 “A mulher me viu.”
- b. hrik nem trama?
na-em
 ver 3SG-2SG homem.M
 “O homem te viu.”
- c. hrik ryt pym
 ver 1PL.EXCL 2SG
 “Nós te vimos.”
- d. hrik non trama? me?
na-on
 ver 3SG-3SG.M homem.M pássaro.N
 “O pássaro viu o homem.”

Estruturas relativas, completivas, interrogativas e negativas: uma proposta de análise unificada do domínio de CP na língua falada pelos Oro Waram e Oro Waram Xijein (família Txapakura)

- e. hrik nam narima? me?
 na-am
 ver 3SG-3SG.F mulher.F pássaro.N
 “O pássaro viu a mulher.”
- f. hrik naŋ hyma? me?
 na-ŋ
 ver 3SG-3N calango.N pássaro.N
 “O pássaro viu o calango.”
- g. hrik na pri? hyma?
 ver 3SG 1PL.INCL calango.N
 “O calango nos viu.”
- h. hrik na pryt hyma?
 ver 3SG 1PL.EXCL calango.N
 “O calango nos viu.”
- i. hrik nyhy? me?
 na-hy?
 ver 3SG-2PL pássaro.N
 “O pássaro viu vocês.”
- j. hrik ryt pahy?
 ver 1PL.EXCL 2PL
 “Nós vimos vocês.”

Como se pode constatar nos exemplos acima, o verbo transitivo concorda com seu sujeito e com seu objeto por meio das duas séries de marcadores de pessoa apresentados no quadro 2. Deve-se destacar que os marcadores de sujeito codificam os traços de pessoa e número, ao passo que os marcadores de objeto codificam os traços de pessoa, número e gênero; este último traço de gênero está presente apenas no marcador de terceira pessoa que correferencia o objeto. Assim, há um único marcador de terceira pessoa, $\{na-\}$, para o argumento na função sintática de sujeito, ao passo que há três formas morfológicas para o objeto, a saber: $\{-on\}$ e kon para masculino; $\{-am\}$ e kam para feminino; e, por fim, $\{-n\}$ e paj para neutro. Em termos morfológicos, pode-se afirmar ainda que os marcadores de sujeito e de objeto podem se realizar de forma sincrética ou cindida, a depender das restrições morfofonológicas que não são o foco de estudo neste artigo. Para uma análise mais detalhada sobre esses aspectos da gramática do Oro Waram, direcionamos os leitores ao trabalho de Arruda (1997), Everett e Kern (1997) e Apontes (2015).

No que diz respeito ao alinhamento sintático, nota-se que os verbos transitivos e intransitivos codificam seu sujeito por meio da mesma série de marcadores de concordância, ao passo que o objeto recebe um tratamento morfossintático distinto, conforme quadro 2. Por essa razão, podemos concluir que a língua exibe um sistema Nominativo-Acusativo.

Concluimos esta seção, portanto, afirmando que o padrão de codificação dos argumentos nucleares aqui apresentado refere-se aos contextos sintáticos de orações declarativas afirmativas. Como veremos na seção 3, nas estruturas interrogativas, declarativas negativas, relativas e completivas, há um comportamento gramatical distinto para codificar os argumentos nucleares⁹. Na próxima subseção, discutimos os sintagmas nominais e as estratégias morfossintáticas para codificação de seus argumentos.

1.3. A estrutura do sintagma nominal

Os sintagmas nominais na língua dos Oro Waram e Oro Waram Xijein, no que dizem respeito a sua estrutura argumental, classificam-se em: (i) obrigatoriamente possuídos; (ii) opcionalmente possuíveis; e, por fim, (iii) não possuíveis. Em termos gramaticais, são duas as estratégias para codificar os argumentos na função de possuidor, como pode ser visto no quadro 3. Na primeira, há uma base, {*ne-*}, na qual se afixam morfemas de concordância nominal, resultando em formas plenas, ao passo que, na segunda, há sufixos que se realizam junto ao sintagma nominal possuído, apresentando as formas presas listadas abaixo.

Quadro 3: Marcadores possessivos

Pronomes	Forma plena	Formas presas		
1SG	neʔ	-aʔ	-eʔ	-yʔ
2SG	nem	-am	-em	-ym
3SG.M	nekyn	-kon	-kyn	-kon
3SG.F	nekem	-kam	-kem	-kam
3N	neɲ	-ɲ	-ɲ	-ɲ
1PL.INCL	nejĩ	-jĩ	-jĩ	-jĩ
1PL.EXCL	nejyt	-jyt	-jyt	-jyt
2PL	nehyʔ	-hyʔ	-hyʔ	-hyʔ
3PL.M	nekykyn	-kokon	-kykyn	-kokon
3PL.F	nekekem	-kakam	-kekem	-kakam

Fonte: Adaptado de Apontes (2015, p. 101)

Os sintagmas nominais obrigatoriamente possuídos incluem nomes que indicam relações de parentesco, partes do corpo de pessoas e animais e objetos que culturalmente são sempre vistos como posse de alguém ou de alguma coisa. Apresentamos, a seguir, exemplos com o paradigma das formas presas em suas três variações alomórficas.

⁹ Há ainda outras estruturas sintáticas que implicam na mudança dos paradigmas de concordância verbal. Como não é o objetivo deste trabalho, direcionamos o leitor aos trabalhos de Apontes (2015) e Camargos e Apontes (2018).

Estruturas relativas, completivas, interrogativas e negativas: uma proposta de análise unificada do domínio de CP na língua falada pelos Oro Waram e Oro Waram Xijein (família Txapakura)

(18)	(19)	(20)
a. wina? wina-a? cabeça-1SG.GEN “Minha cabeça”	a. ʔyre? ʔyre-e? nariz-1SG.GEN “Meu nariz”	a. trajy? traji-y? orelha-1SG.GEN “Minha orelha”
b. winam wina-am cabeça-2SG.GEN “Tua cabeça”	b. ʔyrem ʔyre-em nariz-2SG.GEN “Teu nariz”	b. trajym traji-ym orelha-2SG.GEN “Tua orelha”
c. winakon wina-kon cabeça-3SG.M.GEN “A cabeça dele”	c. ʔyrekyn ʔyre-kyn nariz-3SG.M.GEN “O nariz dele”	c. trajikon traji-kon orelha-3SG.M.GEN “A orelha dele”
d. winakam wina-kam cabeça-3SG.F.GEN “A cabeça dela”	d. ʔyrekem ʔyre-kem nariz-3SG.F.GEN “O nariz dela”	d. trajikam traji-kam orelha-3SG.F.GEN “A orelha dela”
e. winaŋ wina-ŋ cabeça-3N.GEN “A cabeça dele(N)”	e. ʔyreŋ ʔyre-ŋ nariz-3N.GEN “O nariz dele(N)”	e. trajiŋ traji-ŋ orelha-3N.GEN “A orelha dele(N)”
f. winaʃi wina-ʃi cabeça-1PL.INCL.GEN “Nossa cabeça”	f. ʔyrefi ʔyre-ʃi nariz-1PL.INCL.GEN “Nosso nariz”	f. trajiʃi traji-ʃi orelha-1PL.INCL.GEN “Nossa orelha”
g. winaʃyt wina-ʃyt cabeça-1PL.EXCL.GEN “Nossa cabeça”	g. ʔyrefyt ʔyre-ʃyt nariz-1PL.EXCL.GEN “Nosso nariz”	g. trajiʃyt traji-ʃyt orelha-1PL.EXCL.GEN “Nossa orelha”
h. winahy? wina-hy? cabeça-2PL.GEN “Vossa cabeça”	h. ʔyrehy? ʔyre-hy? nariz-2PL.GEN “Vosso nariz”	h. trajihy? traji-hy? orelha-2PL.GEN “Vossa orelha”
i. winakokon wina-kokon cabeça-3PL.M.GEN “A cabeça deles”	i. ʔyrekyn ʔyre-kykyn nariz-3PL.M.GEN “O nariz deles”	i. trajikokon traji-kokon orelha-3PL.M.GEN “A orelha deles”
j. winakakam wina-kakam cabeça-3PL.F.GEN “A cabeça delas”	j. ʔyrekekem ʔyre-kekem nariz-3PL.F.GEN “O nariz delas”	j. trajikakam traji-kakam orelha-3PL.F.GEN “A orelha delas”

Pode-se notar nos exemplos acima que o possuidor é assinalado por meio das formas presas flexionadas no núcleo do sintagma possessivo. A evidência de que esses nomes são obrigatoriamente possuídos decorre do fato de não ser possível sua realização sem nenhuma marca de posse ou por meio da posse realizada com a base {*ne*}.

Os sintagmas nominais opcionalmente possuíveis, por sua vez, compreendem nomes que podem se realizar de forma plena ou com algum possuidor. Nos exemplos em (21a) e (22a), mostramos esses nomes sem um possuidor e, nos demais exemplos, há a realização do possuidor como forma presa¹⁰ em (21b) e (22b) e forma plena em (21c) e (22c).

- (21) a. hrik ʔnap **trim**
 ʔna-ŋ
ver 1SG-3N casa.N
“Eu vi uma casa.”
- b. hrik ʔnap **ʃryhyʔ**
 ʔna-ŋ trim-hyʔ
ver 1SG-3N casa-2PL.GEN
“Eu vi a vossa casa.”
- c. hrik ʔnap **trim** **nehyʔ**
 ʔna-ŋ
ver 1SG-3N casa.N 2PL.GEN
“Eu vi as vossas casas.”
- (22) a. pan maw ʔnap **makan**
 ʔna-ŋ makar
cair RES 1SG-3N terra.N
“Eu caí no chão.”
- b. makiʔ ʔnap **makrahyʔ**
 ʔna-ŋ makar-hyʔ
chegar 1SG-3N terra-2PL.GEN
“Eu cheguei da vossa terra.”
- c. makiʔ ʔnap **makan** **nehyʔ**
 ʔna-ŋ makar
chegar 1SG-3N terra.N 2PL.GEN
“Eu cheguei das vossas terras.”

Embora não seja o objetivo deste trabalho, podemos destacar que a realização dos possuidores como forma presa ou forma plena resulta em interpretações semânticas distintas nessa língua. Os exemplos (21b) e (22b), cujos possuidores realizam-se como um morfema afixado ao nome possuído, são utilizados nos contextos em que há um único objeto possuído cuja posse é compartilhada entre

¹⁰ Para uma análise morfofonológica da superficialização das formas fonéticas, confira Apontes (2015). Por ora, destacamos que a forma subjacente de (21b) é *tirim* e de (22b) é *makar*.

Estruturas relativas, completivas, interrogativas e negativas: uma proposta de análise unificada do domínio de CP na língua falada pelos Oro Waram e Oro Waram Xijein (família Txapakura)

os possuidores. Assim, há apenas uma casa e uma única terra que é possuída por um conjunto de indivíduos referenciados pelo morfema de segunda pessoa do plural {-hy?}. Em (21c) e (22c), por sua vez, a relação de posse é distribucional, de tal forma que deve haver tantos objetos possuídos quantos possuidores forem necessários para que a relação de posse seja de um para um.

Os sintagmas nominais não possuíveis, por fim, compreendem nomes que denotam, por exemplo, alguns elementos da natureza ou sobrenaturais, tais como: *ʃina?* “sol”, *panawo?* “lua”, *fowi?* “chuva”, *naharak* “floresta”, *kom* “rio”, *iri yam* “espírito verdadeiro” etc. Nesses nomes não se realizam estruturas morfológicas ou sintáticas de posse, uma vez que culturalmente são elementos que não podem ser possuídos.

Antes de concluirmos esta subseção, vale destacar que a relação de posse indicada pelas formas plenas, que se constitui como um recurso sintático, parece ser a mais produtiva na língua, uma vez que a forma dependente, que exibe um comportamento fundamentalmente morfológico, está restrita a um conjunto de sintagmas nominais. Não nos aprofundaremos nessas questões por não ser o escopo deste artigo. Contudo, direcionamos os leitores ao trabalho de Apontes (2015), inclusive para mais esclarecimentos a respeito dos processos morfofonológicos envolvidos na alomorfa das formas presas, além do papel gramatical da alienabilidade.

Tivemos por objetivo apresentar nesta seção as principais propriedades gramaticais dos sintagmas verbais e nominais, principalmente seus paradigmas flexionais de concordância, com o intuito de oferecer aos leitores subsídios da gramática da língua para que possam compreender melhor os fenômenos gramaticais aqui investigados. Na próxima seção, descreveremos e analisaremos, portanto, as construções que são o foco da nossa investigação.

2. Estruturas relativas, completivas, interrogativas e negativas

Nesta seção, o objetivo é descrever e analisar as propriedades morfológicas e sintáticas das construções relativas, completivas, interrogativas e negativas na língua dos Oro Waram e Oro Waram Xijein. Em termos descritivos, essas três estruturas compartilham ao menos duas propriedades gramaticais análogas, a saber: (i) há ocorrência das partículas complementadoras *ka* e *ko*, que a nosso ver é a realização, em termos teóricos, do núcleo de CP; e (ii) há uma mudança no sistema de codificação dos argumentos dos predicados verbais. No quadro 4, apresentamos esse novo paradigma junto aos demais paradigmas discutidos na seção anterior.

Quadro 4: Paradigmas de concordância

Pronomes	Paradigma 1 Sujeito movido	Paradigma 2 Sujeito <i>in situ</i>	Paradigma 3 Objeto <i>in situ</i>	Paradigma 4 Possuidor
1SG	ʔna	ta?	pa?	-a? ~ -e? ~ -y?
2SG	ma?	ma?	-em ~ pym	-am ~ -em ~ -ym

continuação do quadro 4

Pronomes	Paradigma 1 Sujeito movido	Paradigma 2 Sujeito <i>in situ</i>	Paradigma 3 Objeto <i>in situ</i>	Paradigma 4 Possuidor
3SG.M	na	kaʔ	-on ~ kon	-kon ~ -kyn
3SG.F		kamaʔ	-am ~ kam	-kam ~ -kem
3N		ne	-ɲ ~ paɲ	-ɲ
1PL.INCL	riʔ	riʔ	priʔ	-fi
1PL.EXCL	ryt	ryt	pryt	-fyt
2PL	heʔ	heʔ	-hyʔ ~ pahyʔ	-hyʔ
3PL.M	nana	kakaʔ	-on ~ -kokon	-kokon ~ -kykyn
3PL.F		kakamaʔ	-am ~ -kakam	-kakam ~ -kekem

Fonte: elaboração dos autores

Como vimos na seção anterior, os predicados verbais, quando se constituem como sentenças declarativas afirmativas (estrutura não marcada), fazem uso do paradigma 1 para o sujeito e do paradigma 3 para o objeto, conforme o quadro 4. No entanto, como veremos nas próximas subseções, quando as sentenças configuram-se como orações relativas, completivas, interrogativas e negativas (estruturas marcadas), dois comportamentos morfossintáticos são possíveis, tendo em vista a posição sintática dos argumentos nucleares. Quando permanecem dentro do domínio da predicação verbal marcada, sujeito e objeto acionam os paradigmas 2 e 3, respectivamente. Contudo, caso esses argumentos se movam para a posição de especificador de CP, o sujeito passa a acionar o paradigma 1, ao passo que o predicado verbal deixa de estabelecer concordância com seu objeto. Há, portanto, distintos comportamentos morfossintáticos tanto para sujeito quanto para objeto.

A descrição dessas estruturas nos servirá como subsídio empírico para propor que as mudanças que ocorrem no sistema de concordância verbal com o sujeito e o objeto, em comparação com as estruturas declarativas afirmativas, é o resultado da mudança do estatuto sintático das sentenças, que é denotado pelas partículas complementadoras *ka* e *ko*, que instanciam o núcleo de CP. Diante dessas considerações iniciais, analisemos, então, as estruturas relativas e completivas.

2.1. Estruturas relativas e completivas

As orações relativas constituem-se como um fenômeno linguístico altamente produtivo na língua dos Oro Waram e Oro Waram Xijein. Em termos sintáticos, caracterizam-se por desempenhar, de modo geral, a função de modificador de um sintagma nominal, embora possam também exercer funções sintáticas nucleares. Diante disso, já se pode destacar de início que essas construções apresentam um padrão polissêmico no que diz respeito à distinção entre orações relativas em (23) e completivas em (24).

- b. hrik nap kawira? [ka totapa? **ma?**]
 na-ŋ
 ver 3SG-3N cuia.N C quebrar 2SG
 “Ele viu a cuia que você quebrou.”
- c. hrik nap kawira? [ka totapa? **ka?** **trama?**]
 na-ŋ
 ver 3SG-3N cuia.N C quebrar 3SG.M homem.M
 “Ele viu a cuia que o homem quebrou.”
- d. hrik nap kawira? [ka totapa? **kama?** **narima?**]
 na-ŋ
 ver 3SG-3N cuia.N C quebrar 3SG.F mulher.F
 “Ele viu a cuia que a mulher quebrou.”
- e. hrik nap kawira? [ka totapa? **ne** **mijak**]
 na-ŋ
 ver 3SG-3N cuia.N C quebrar 3N queixada.N
 “Ele viu a cuia que a queixada quebrou.”

Pode-se notar também que, nos exemplos em (27), o predicado verbal da oração relativizada não estabelece concordância com seu objeto, uma vez que este se move para a posição de especificador de CP. De todo modo, o objeto controla a concordância verbal da predicação principal. Os dados dessa língua nos revelam que essa concordância verbal deve se realizar apenas quando o objeto encontra-se dentro de certo domínio sintático. De fato, quando permanece dentro do domínio verbal da predicação relativizada, como em (25) e (26), por exemplo, há a realização dos marcadores de concordância de objeto por meio do paradigma 3. Quando se move para a posição de especificador de CP, a concordância se estabelece com o predicado da oração principal por meio também do paradigma 3, como em (27).

Nos exemplos abaixo, também de orações relativas, nota-se que o predicado verbal engatilha os marcadores de concordância do paradigma 3 para referir-se ao seu objeto, uma vez que este argumento permanece no domínio de seu predicado. O paradigma 1, por sua vez, é acionado para codificar o sujeito dessa predicação relativizada, tendo em vista seu movimento para a posição de especificador de CP.

- (28) a. hrik ʔnon **trama?** [ko totapa? pin **naŋ** kawira?]
 ʔna-on **na-ŋ**
 ver 1SG-3SG.M homem.M C quebrar PERF 3SG-3N cuia.N
 “Eu vi o homem que já quebrou a cuia.”
- b. hrik ʔnam **narima?** [ko totapa? pin **naŋ** kawira?]
 ʔna-am **na-ŋ**
 ver 1SG-3SG.F mulher.F C quebrar PERF 3SG-3N cuia.N
 “Eu vi a mulher que já quebrou a cuia.”

Estruturas relativas, completivas, interrogativas e negativas: uma proposta de análise unificada do domínio de CP na língua falada pelos Oro Waram e Oro Waram Xijein (família Txapakura)

- d. piʔ pin na [ka kaw **nekem**]
 terminar PERF 3SG C comer 3SG.F.GEN
 “O evento de comer dela já acabou.”
- e. piʔ pin na [ka kaw **nep**]
 terminar PERF 3SG C comer 3N.GEN
 “O evento de comer dele (animal) já acabou.”

Nos exemplos acima, nota-se que emerge o paradigma 4 que correferencia o possuidor da entidade denotada por essa estrutura. Ademais, deve-se afirmar que tais construções encabeçadas pelo complementizador passam a referenciar o evento denotado pelo verbo. Nesse sentido, esses dados linguísticos aproximam tais construções dos demais sintagmas nominais simples da língua, o que exemplifica nossa afirmação inicial de que as estruturas relativas e completivas na língua dos Oro Waram e Oro Waram Xijein cobrem também as funções de nominalização.

Por fim, apresentamos os exemplos abaixo que correspondem às estruturas até aqui discutidas, principalmente para fins contrastivos, no que diz respeito à realização do núcleo de CP e às mudanças no sistema de concordância verbal.

- (34) a. hrik ʔnon **arawet** [ko kaw **naŋ** tamatan]
 ʔna-on
 1SG-3SG.M criança.M C comer 3SG-3N batata.N
 “Eu vi o menino que comeu batata.”
- b. hrik ʔnaŋ tamatan [ka kaw **kaʔ** **arawet**]
 ʔna-ŋ
 1SG-3N batata.N C comer 3SG.M criança.M
 “Eu vi a batata que o menino comeu.”
- c. hrik ʔnaŋ [ka kaw **kaŋ** tamatan **arawet**]
 ʔna-ŋ
 1SG-3N C comer 3SG.M-3N batata.N criança.M
 “Eu vi que o menino comeu batata.”
- d. hrik ʔnaŋ [ka kaw **nekyn** **arawet**]
 ʔna-ŋ
 1SG-3N C comer 3SG.M.GEN criança.M
 “Eu vi o evento de comer do menino.”

Vimos que as estruturas relativas e completivas na língua dos Oro Waram e Oro Waram Xijein são encabeçadas pelas partículas complementizadoras *ka* e *ko*. Nas estruturas relativas, quando modificam um sintagma nominal de gênero masculino ou feminino, a partícula realiza-se como *ko*, como em (34a), ao passo que, nos demais contextos, realiza-se a partícula *ka*. No que diz respeito à codificação dos argumentos nucleares, por sua vez, o paradigma 1 faz referência a sujeitos movidos para a posição de especificador de CP, como em (34a). Ao passo que, quando o sujeito permanece no domínio da predicação, o paradigma 2 se apresenta, como em (34b) e (34c). Quanto ao objeto, ele é

codificado pelo paradigma 3 quando permanece do domínio da predicação, como em (34a) e (34c). Em (34b), o objeto não é marcado no predicado relativizado, pois se move para fora do domínio verbal. Por fim, o paradigma 4 surge em (34d) para codificar o argumento com a função de possuidor.

Após a descrição das estruturas relativas e completivas, passaremos a investigar na próxima subseção as estruturas interrogativas, que também utilizam as partículas complementizadoras *ka* e *ko*, além de exibirem o mesmo comportamento gramatical quanto à codificação de seus argumentos nucleares.

2.2. Estruturas interrogativas

Em termos descritivos, nas perguntas informacionais, para que se possam interrogar sujeitos e objetos, por exemplo, utiliza-se o pronome interrogativo *ma?*, acompanhado por um sintagma nominal sobre o qual se refere. Ademais, devem ainda ser seguidos pela partícula complementizadora, que varia em *ka* para sintagmas nominais do gênero neutro e *ko* para sintagmas nominais do gênero masculino ou feminino. Para fins ilustrativos, comparemos os exemplos abaixo em que se interrogam sujeito e objeto de verbo transitivo.

Sujeito interrogado

- (35) a. **ma?** **wari?** *ko* totapa? pin **naŋ** kawira?
 INT pessoa C destruir PERF 3SG-3N cuia.N
 “Quem destruiu a cuia?”
- b. **ma?** **krawa?** *ka* totapa? pin **naŋ** kawira?
 INT coisa C destruir PERF 3SG-3N cuia.N
 “O que destruiu a cuia?”

Objeto interrogado

- (36) a. ma? wari? *ko* hrik **ka?** **ate?**
 INT pessoa C ver 3SG.M pai.M-1SG.GEN
 “Quem meu pai viu?”
- b. ma? krawa? *ka* hrik **kama?** **?na?**
 INT coisa C ver 3SG.F mãe.F-1SG.GEN
 “O que minha mãe viu?”

Ao se comparar os exemplos acima, nota-se que a língua utiliza o pronome interrogativo *ma?* para interrogar os participantes humanos e não humanos do evento verbal por meio da coocorrência com os sintagmas nominais *wari?* “pessoa” e *krawa?* “coisa”, respectivamente. Para se interrogar

- e. ma? krawa? *ka* kaw **ne**
 INT coisa C comer 3N
 “O que ele (animal) comeu?”

Os exemplos em (38) mostram que, de fato, nos contextos em que se interroga o objeto de verbos transitivos, este argumento não engatilha marcadores de concordância, uma vez que se moveu para a posição de especificador de CP. O sujeito, por sua vez, engatilha os marcadores do paradigma 2, pois permanece no domínio do predicado verbal, à semelhança do que já mostramos nas estruturas relativas e completivas.

Nos exemplos abaixo, observe os marcadores de concordância em contexto de interrogação do sujeito de predicados verbais transitivos. Deve-se considerar, assim, nestes exemplos, principalmente os marcadores de concordância do paradigma 1 utilizados para se referir ao sujeito, além dos marcadores do paradigma 3 para o objeto sintático.

- (39) a. **ma?** **wari?** *ko* hrik pin **na_n** kawira?
 INT pessoa C ver PERF 3SG-3N cuia.N
 “Quem já viu a cuia?”
- b. **ma?** **trama?** *ko* hrik pin **na_m** ?na?
 INT homem C ver PERF 3SG-3SG.F mãe-1SG.GEN
 “Que homem já viu minha mãe?”
- c. **ma?** **narima?** *ko* hrik pin **na_{on}** ate?
 INT mulher C ver PERF 3SG-3SG.M pai-1SG.GEN
 “Que mulher já viu meu pai?”
- d. **ma?** **krawa?** *ka* hrik pin **na** pa?
 INT coisa C ver PERF 3SG 1SG
 “O que já me viu?”
- e. **ma?** **krawa?** *ka* hrik pin **na_{em}**
 INT coisa C ver PERF 3SG-2SG
 “O que já te viu?”

A partir dos exemplos acima, pode-se constatar que, nos contextos em que se interroga o sujeito de verbos transitivos, realizam-se os marcadores do paradigma 1, tendo em vista seu movimento para especificador de CP. Assim, o predicado verbal *hrik* “ver” realiza o marcador *na*, que indica concordância com seu sujeito, independentemente de ser do gênero masculino, feminino ou neutro. Os objetos, por sua vez, permanecem sendo referenciados por meio dos marcadores do paradigma 3, já que permanecem internos ao domínio do seu predicado.

- (43) a. hrik **ʔnap** mijak b. ʔom *ka* hrik **tap** mijak
ʔna-ŋ **taʔ-ŋ**
 ver 1SG-3N queixada.N NEG C ver 1SG-3N queixada.N
 “Eu vi a queixada.” “Eu não vi a queixada.”

Concordância com sujeito de 2ª pessoa do singular

- (44) a. kep fat **mon** tramaʔ b. ʔom *ka* kep fat **mon** tramaʔ
maʔ-on **maʔ-on**
 segurar 2SG-3SG.M homem.M NEG C segurar 2SG-3SG.M homem.M
 “Você segurou o homem.” “Você não segurou o homem.”
- (45) a. kep fat **mam** narimaʔ b. ʔom *ka* kep fat **mam** narimaʔ
maʔ-am **maʔ-am**
 segurar 2SG-3SG.F mulher.F NEG C segurar 2SG-3SG.F mulher.F
 “Você segurou a mulher.” “Você não segurou a mulher.”
- (46) a. kep fat **maŋ** mijak b. ʔom *ka* kep fat **maŋ** mijak
maʔ-ŋ **maʔ-ŋ**
 segurar 2SG-3N queixada.N NEG C segurar 2SG-3N queixada.N
 “Você segurou a queixada.” “Você não segurou a queixada.”

Concordância com sujeito de 3ª pessoa do singular

- (47) a. trajyʔ fo **na** tramaʔ b. ʔom *ka* trajyʔ fo **kaʔ** tramaʔ
 escutar INTS 3SG homem.M NEG C escutar INTS 3SG.M homem.M
 “O homem escuta bem.” “O homem não escuta bem.”
- (48) a. trajyʔ fo **na** narimaʔ b. ʔom *ka* trajyʔ fo **kamaʔ** narimaʔ
 escutar INTS 3SG mulher.F NEG C escutar INTS 3SG.F mulher.F
 “A mulher escuta bem.” “A mulher não escuta bem.”
- (49) a. trajyʔ fo **na** mijak b. ʔom *ka* trajyʔ fo **ne** mijak
 escutar INTS 3SG queixada.N NEG C escutar INTS 3N queixada.N
 “A queixada escuta bem.” “A queixada não escuta bem.”

Como podemos verificar nos exemplos acima, a partícula de negação ʔom emerge nas sentenças negativas acompanhada do complementizador *ka* em todos os contextos. Veja, porém, que nas sentenças negativas, diferentemente das estruturas relativas e interrogativas, discutidas nas subseções anteriores, não foram encontrados exemplos com a forma *ko*. No que diz respeito ao sistema de concordância, nota-se que emergem os paradigmas 2 e 3 para correferenciar, respectivamente, o sujeito e o objeto dos predicados verbais, uma vez que esses argumentos permanecem no domínio do verbo. Esse comportamento é o mesmo identificado anteriormente nas estruturas relativas, completivas e interrogativas.

Deve-se notar ainda que o elemento em comum nas construções relativas, completivas, interrogativas e negativas é a partícula *ka*. De acordo com pressupostos da Teoria Gerativa, nossa

Portanto, diante do que foi apresentado nesta seção, pode-se afirmar que de fato as estruturas relativas, completivas, interrogativas e negativas (estruturas marcadas) são codificadas pelo preenchimento do núcleo de CP pelas partículas complementizadoras *ka* e *ko*. Deve-se destacar que a instanciação do núcleo de CP é o resultado de um processo de concordância, em termos de traços de gênero, com o elemento presente em especificador de CP.

Ademais, essas construções compartilham o mesmo tratamento dado aos seus argumentos. Em suma, sujeitos de predicados verbais acionam o paradigma 1 nos contextos em que se movem para a posição de especificador de CP, ao passo que engatilham marcadores do paradigma 2, quando permanecem *in situ*. Objetos, por sua vez, engatilham concordância verbal, apenas quando permanecem no domínio de seu predicado. Caso se desloquem para fora desse domínio, para especificador de CP, por exemplo, não estabelecem concordância verbal.

Considerações finais

Neste trabalho, tivemos por objetivo descrever e analisar teoricamente as estruturas relativas, completivas, interrogativas e negativas na língua falada pelos Oro Waram e Oro Waram Xijein (família Txapakura). Em termos descritivos, nossa motivação para uma análise comparativa é que essas quatro construções compartilham propriedades gramaticais que justificam uma análise teórica unificada para essas sentenças, a saber: (i) preenchem fonologicamente o núcleo de CP com as partículas complementizadoras *ka* e *ko*; e (ii) apresentam o mesmo comportamento morfossintático na codificação de seus argumentos nucleares.

No que diz respeito à codificação dos argumentos da predicação nucleada pelas partículas complementizadoras, de modo geral, o paradigma 1 é engatilhado no contexto em que o sujeito da oração relativa e interrogativa move-se para a posição sintática de especificador de CP. Nossa hipótese é que a concordância, na verdade, deve se realizar em uma posição sintática intermediária, possivelmente em IP. No entanto, quando o sujeito não realiza esse movimento, como ocorre nas estruturas negativas, completivas, relativas de objeto e interrogativas (exceto de sujeito), emerge o paradigma 2, que indica uma concordância com o sujeito em uma posição mais baixa na derivação. O objeto sintático, por sua vez, engatilha o paradigma 3 no contexto em que permanece em uma posição sintática mais baixa na estrutura, dentro de um certo domínio verbal. Quando ele se move para fora desse domínio, mais precisamente para CP, em contextos de orações relativas e interrogativas, não fica mais disponível para concordância no domínio mais baixo, uma vez que a concordância de objeto ocorre localmente. No entanto, fica disponível para concordância com o predicado principal, uma vez que as relações de localidade são satisfeitas.

Um fato que nos chama bastante atenção é a diferença dos traços gramaticais dos paradigmas 1 e 2, que codificam os sujeitos sintáticos. Pode-se notar que o paradigma 1 apresenta um único marcador para a terceira pessoa do singular, a saber: *na*. O paradigma 2, no entanto, apresenta três formas para a terceira pessoa, a saber: *kaʔ* para masculino, *kamaʔ* para feminino e *ne* para neutro. Nesse sentido,

pode-se notar que o paradigma 1 codifica pessoa e número, ao passo que o paradigma 2 codifica pessoa, número e gênero. Esse comportamento do paradigma 2 o aproxima, em termos de traços, ao paradigma 3 de objeto, que também apresenta três formas para a terceira pessoa, a saber: {-on} e *kon* para masculino, {-am} e *kam* para feminino e, por fim, {-n} e *pajn* para neutro. Uma hipótese que pode ser aventada para explicar esse comportamento do paradigma 2 de sujeito análogo ao paradigma 3 de objeto poderia ser formulada nos seguintes termos: o traço de gênero, para a terceira pessoa, é um expediente formal disponível apenas no nível mais baixo na derivação sintática. Assim, sujeitos e objetos não movidos para posições sintáticas mais altas são alvo de um núcleo do domínio funcional mais baixo apto a concordar em pessoa, número e gênero, por meio dos paradigmas 2 e 3. Sujeitos e objetos movidos, por outro lado, não estão disponíveis para estabelecer concordância nesse nível sintático. Ademais, sujeitos e objetos movidos se diferenciam durante o processo derivacional, uma vez que sujeitos alçam a uma posição sintática intermediária, possivelmente especificador de IP, onde engatilham o paradigma 1, ao passo que o objeto não realiza esse movimento intermediário. Em suma, a nosso ver, uma análise formal nesses termos é suficiente para captar esse comportamento formal do paradigma 2 análogo ao paradigma 3, quanto à presença do traço de gênero, embora outras análises teóricas possam também ser propostas.

Mostramos ainda, neste trabalho, que o núcleo de CP é sensível aos traços gramaticais dos elementos que ocupam sua posição sintática de especificador. Quando há um sintagma nominal com os traços de gênero masculino ou feminino, como ocorre em algumas orações relativas e interrogativas, o núcleo C° é instanciado pela partícula *ko*. Quando há um sintagma nominal com traço de gênero neutro, como em algumas relativas e interrogativas, ou quando não há realização de nenhum sintagma nominal nessa posição, como ocorre nas completivas e nas negativas, realiza-se em C° a partícula *ka*.

Por fim, a ausência do traço de gênero no paradigma 1 também pode ser explicada à luz de Pesetsky e Torrego (2001, 2004), pois, se de fato os traços de pessoa e número presentes em TP em muitas línguas são herdados de CP, a língua dos Oro Waram e Oro Waram Xijein tem uma enorme contribuição empírica a favor dessa hipótese. Pode-se afirmar que nessa língua apenas os traços de pessoa e número foram herdados de C, ao passo que o traço de gênero permaneceu no domínio de CP, como fica evidenciado pela realização de *ka* para o neutro e *ko* para os gêneros feminino e masculino. Uma análise nesses termos certamente explica por que o núcleo de CP codifica o traço de gênero, masculino/feminino e neutro, ao passo que o paradigma 1 codifica apenas os traços de pessoa e número. Em trabalhos futuros, aprofundaremos mais nesta questão.

Referências

ANGENOT-DE-LIMA, Geralda. *Description phonologique, grammaticale et lexicale du moré, langue amazonienne de Bolivie et du Brésil*. Porto Velho: EDUFRO, 2001.

APONTES, Selmo Azevedo. *Descrição gramatical do Oro Waram (Wari'/Pacaa Nova, Txapakura)*: fonologia, morfologia e sintaxe. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

Estruturas relativas, completivas, interrogativas e negativas: uma proposta de análise unificada do domínio de CP na língua falada pelos Oro Waram e Oro Waram Xijein (família Txapakura)

ARRUDA, Roberto Gomes (Wao Arapi'). *Tomi' xo' xin pajaxi'*: a língua Orowari'. Comunidade Indígena Orowari' de Sagarana, Guajará-Mirim, RO; Universitat Rovira i Virgili, 1997.

BIANCHI, Valentina. The Raising Analysis of Relative Clauses: A Reply to Borsley. *Linguistic Inquiry*, v. 31, n. 1, Winter, pp. 123-40, 2000.

BIANCHI, Valentina. *Consequences of antisymmetry*: headed relative clauses. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999.

CALINDRO, Ana; APONTES, Selmo; CAMARGOS, Quesler. Negação Sentencial. In: CAMARGOS, Quesler; APONTES, Selmo. (org.). *Propriedades gramaticais dos sintagmas verbais em Oro Wari' (Txapakura)*. 1. ed. Ji-Paraná: Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2018. pp. 51-62.

CAMARGOS, Quesler Fagundes; APONTES, Selmo Azevedo (orgs.). *Propriedades Gramaticais dos Sintagmas verbais em Oro Wari' (Txapakura)*. Ji-Paraná, RO: Unir-Deinter, 2018.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.

CHOMSKY, Noam. On Wh-Movement. In: CULICOVER, P. WASOW, T.; AKMAJIAN, A. (Eds.). *Formal syntax*. New York (NY): Academic Press, 1977. pp. 71-132.

CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Foris: Dordrecht, 1981.

COMRIE, Bernard. *Language universals and linguistic typology: syntax-morphology*. 2nd ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

CREISSELS, Denis. *Syntaxe générale: une introduction typologique 2*. Paris: Lavoisier, 2006.

EVERETT, Daniel L.; KERN, Barbara. *Wari'*: The Pakaas Novos Language of Western Brazil. London: Routledge, 1997.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: an introduction*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2001. v. 1.

KAYNE, Richard. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge (Mass): The MIT Press, 1994.

MEIRELES, Denise Maldí. *Os Pakaas-Novos*. 1986. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 1986.

PAYNE, Thomas E. *Describing Morphosyntax: a guide for field linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PESETSKY, David; TORREGO, Esther. 2001. T-to-C movement: Causes and consequences. In: KENSTOWICZ, Michael (ed.) *Ken Hale: a life in language*. Cambridge, Mass: MIT Press, 2001. pp. 355-426.

PESETSKY, David; TORREGO, Esther. Tense, Case and the nature of syntactic categories. In: GUÉRON, Jacqueline; LECARME, Jacqueline (eds.). *The Syntax of Time*. Cambridge, Mass: MIT Press, pp. 495-538, 2004.

RAMIREZ, Henri. Etnônimos e topônimos no Madeira (séculos XVI-XX): um sem número de equívocos. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 2, n. 2, pp. 13-58, dez. 2010.

SHOPEN, T. *Language typology and syntactic description: clause structure*. New York: Cambridge University Press, 1992. v. 1.

WHALEY, Lindsay J. *Introduction to Typology: the unity and diversity of language*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1997.